



# I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ENSINO

PROCESSOS E PRODUTOS PEDAGÓGICOS

16 a 18 de Março de 2023



UESB  
Universidade Estadual  
do Sudeste da Bahia



Programa de Pós-  
Graduação em Ensino

## **A PRÁTICA DO PROFESSOR INCLUSIVO: COMO ATENDER AS DIFERENTES NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR?**

Jhonathan Martins da Costa

Trabalho apresentado ao programa de aperfeiçoamento em  
Educação Especial da faculdade METROPOLITANA de SP

### **Resumo**

As unidades escolares estão em transformação atendendo sempre uma diversidade através de novas políticas públicas de educação inclusiva. Diante dessas transformações sociais e conseqüentemente educativas, a inclusão de alunos com necessidades específicas na rede regular de ensino foi a maior mudança que tivemos na rede escolar. Tendo como objetivo compreender os impactos que a formação docente proporciona na construção de uma cultura inclusivista na escola, realizou-se uma pesquisa qualitativa em material bibliográfico sobre a temática. Resultando na identificação de que a precariedade da formação docente é nossa maior vilã para aqueles que almejam transformar políticas públicas inclusivas em práticas pedagógicas efetivas, por isso, é urgente a necessidade da expansão qualificada da formação docente no país.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva; Barreiras de Aprendizagem; Formação Docente; Avaliação Inclusiva.

### **Introdução**

A escola de hoje será o reflexo da sociedade de amanhã. Se ainda não alcançamos a escola que tanto almejamos nos dias atuais, é notório o muito já percorrido e transformado até aqui. Desde a obrigatoriedade da matrícula de todo e qualquer cidadão na rede regular de ensino até o entendimento de que matricular é integrar e que para que haja inclusão faz-se necessário haver qualidade no processo de ensino. Assim, de que forma podemos qualificar o ensino? Muitos dizem que

qualificar o ensino é proporcionar um planejamento pedagógico onde todos os alunos se sintam atores e autores do seu processo de ensino-aprendizagem.

Para que haja de fato a inclusão escolar, não basta apenas a sanção de políticas públicas cada vez maiores em termos quantitativos e punitivos, mas, torna-se necessária a construção, consolidação e expansão de uma cultura inclusivista na escola, sendo o lócus privilegiado para a consolidação do processo inclusivo, onde é necessário alimentarmos e retroalimentar-la constantemente este ambiente com respeito e forte crença das amplas possibilidades de aprendizagem de todos os alunos, inclusive dos alunos que apresentam necessidades específicas.

Por isso, a professora Mantoan (2006), nos convida a superar o sistema tradicional de ensinar, como um propósito que temos de efetivar com toda a urgência. Essa superação refere-se ao que ensinamos aos nossos alunos e como ensinamos, para que eles cresçam, onde a efetivação da inclusão dar-se-á ao momento em que o professor compreende o seu protagonismo no ato pedagógico.

Para isso, a formação docente tanto inicial como continuada é fundamental para a criação da cultura inclusivista. Ela será responsável por condicionar conhecimento adequado a respeito do trato que o professor deve dar pedagogicamente a alunos com necessidades educacionais, onde tais necessidades fazem parte do processo de ensino e aprendizagem e não sendo um elemento intrínseco do aluno com deficiência.

Parte dessas necessidades são oriundas de dificuldades do processo ao qual denominamos como barreiras de aprendizagem. As barreiras de aprendizagem são obstáculos pedagógicos que precisam ser eliminados ou quando não reduzidos do processo didático para que o aluno independentemente das especificidades que venha apresentar possa ter resultados positivos no contexto escolar ao qual estamos propondo. A eliminação e/ou redução das barreiras de aprendizagem, bem como a construção de práticas inclusivas através da ressignificação da avaliação escolar, são outros elementos importantes neste processo.

Este estudo objetiva tratar sobre a formação docente voltada para a educação especial e inclusiva, através de uma investigação sobre o impacto que esta formação proporciona na construção de uma cultura inclusivista dentro do corpo docente ressignificando a avaliação escolar como instrumento evolutivo e não apenas classificatória e atuando na identificação e posterior remoção e/ou diminuição das

barreiras de aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto escolar do ensino regular.

## **Metodologia**

Para a construção desta escrita, recorreu-se a uma investigação qualitativa oriunda pela vasta diversidade de materiais bibliográficos nacionais e internacionais produzidos em cada uma das três áreas abordadas neste trabalho. Assim, vale destacar que a definição pela linha da pesquisa metodológica está ancorada nas publicações de Gil, quando afirma que: “[...] embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Muitos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

## **Resultados e discussão**

No início do século XXI, prevaleceram ideias de que os distúrbios são traços intrínsecos e inerentes às crianças, aliadas à crença de serem muito poucas as suas possibilidades de progredir educacionalmente. Tratava-se de uma visão inatista e determinista do desenvolvimento que, dentre outras consequências, acarretou uma certa acomodação da maioria dos educadores que, até hoje, costumam atribuir ao sujeito e apenas a ele, a responsabilidade por suas dificuldades.

Criou-se no imaginário de muitos educadores a ideia de que o trabalho pedagógico é para a cura, tendo natureza compensatória e corretiva dos desvios. A questão é, se já tivéssemos adotado o consenso da proposta inclusiva de fato, e não apenas de direito, essa expansão não seria tão problemática. Devemos compreender que, “educar é confrontar-se com a diversidade”. Beyer (2006). Todos estando na condição de educandos, como qualquer aprendiz de uma escola de boa qualidade, certamente seriam considerados os usuários do especial na educação e não da educação especial como subsistema, à parte.

As necessidades educacionais específicas induzem a deslocar a responsabilidade do aluno para as respostas educativas da escola, o que se tem constatado, lamentavelmente, é que, para muitos educadores, não parece clara a relação entre satisfazer as necessidades educacionais especiais e a implementação da escola de qualidade para todas. Os educadores que atuam no ensino regular

declaram suas preocupações com o fracasso escolar e com a democratização do acesso de todos à escola, mas, dificilmente, usam a expressão educação inclusiva, como paradigma das mudanças necessárias. A respeito disso, Carvalho (2001), destaca que: [...] “especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que as escolas precisam organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso”. A ênfase a ser dada está na qualidade da resposta educativa da escola.

A efetivação da inclusão dar-se-á a partir do momento em que o professor compreende o seu protagonismo no ato de identificar, diminuir e/ou eliminar as barreiras para a aprendizagem, importante destacar que não se trata apenas de uma nova nomenclatura para determinados alunos, mas, da abordagem do processo educacional escolar sob a ótica da aprendizagem de qualquer aluno, identificando os obstáculos que parece mais consentâneo com a proposta inclusiva, pois se refere a todos, sem necessidades de rotular alguns.

Segundo Ainscow (2000), a questão central está no como as comunidades, as escolas e os sistemas educativos podem oferecer respostas educativas de boa qualidade pela remoção de barreiras para a aprendizagem, entendidas como obstáculos enfrentados pelos alunos, criando-lhes dificuldades no processo de adquirir e construir conhecimento, bem como para participar e pertencer.

Examinar as práticas pedagógicas objetivando identificar as barreiras de aprendizagem é um desafio de todos educadores que, até então, temos examinado sob a ótica das características da aprendizagem. Suas condições orgânicas e psicossociais têm sido consideradas como os únicos obstáculos responsáveis pelo seu insucesso na escola. A remoção de barreiras para a aprendizagem pressupõe conhecer as características do aprendiz bem como as características do contexto no qual o processo de ensino-aprendizagem ocorre e, principalmente, analisar as atitudes dos professores frente ao seu papel que é político e pedagógico.

A flexibilidade é outro fator que contribui para a remoção das barreiras de aprendizagem. Traduz-se pela capacidade do professor de modificar planos e atividades à medida que as reações dos alunos vão oferecendo novas pistas. Para remover essas barreiras é preciso sacudir as estruturas tradicionais sobre as quais nossos docentes estão assentados. A lógica da transmissão deve ser substituída por uma outra lógica, centrada na aprendizagem e em tudo que possa facilitá-la.

A criatividade do professor somada à sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os alunos e de que ninguém pode estabelecer os limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos e tantos alunos têm enfrentado no seu processo de aprendizagem.

A remoção das barreiras de aprendizagem pressupõe conhecer as características do aprendiz bem como as características do contexto no qual o processo de ensino-aprendizagem ocorre e, principalmente, analisar as atitudes dos professores frente ao seu papel que é político e pedagógico. Para isso, a criatividade do professor somada à sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os alunos e de que ninguém pode estabelecer os limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos e tantos alunos têm enfrentado no seu processo de aprendizagem.

A flexibilidade é outro fator que contribui para a remoção das barreiras de aprendizagem. Traduz-se pela capacidade do professor de modificar planos e atividades à medida que as reações dos alunos vão oferecendo novas pistas. Para remover barreiras à aprendizagem é preciso sacudir as estruturas tradicionais sobre as quais nossa escola está assentada. A lógica da transmissão deve ser substituída por uma outra lógica, centrada na aprendizagem e em tudo que possa facilitá-la.

Para que a inclusão se efetive o professor precisa investir nas potencialidades de aprendizagem dos alunos, atendendo suas necessidades e propondo atividades que favoreçam, seu desenvolvimento fazendo com que o educando encontre na escola oportunidade de aprender e crescer nos aspectos afetivo, social, cognitivo e psicomotor, sem discriminá-lo por possuir o seu próprio tempo e ritmo de aprender. Fazendo-se necessário que o professor possua um conjunto de saberes que envolvem as epistemologias que fundamentam o ato de aprender, além de habilidades e competências sobre mediação pedagógica no processo de ensinar, possibilitando que aquilo que o estudante faz hoje com a ajuda do professor, possa fazer amanhã sozinho.

Segundo Ainscow (1997) “O mais importante recurso em sala de aula é o próprio aluno”. No entanto, tudo isto depende da capacidade do professor em aproveitar essa energia individual, sendo esta inflada na maioria das vezes através de políticas educacionais fortes sobre a formação docente inclusiva de forma inicial e continuada. A reflexão a respeito de como as políticas públicas podem atuar na

construção das formações docentes e assim, interferir diretamente na prática docente inclusiva se faz necessária. Precisamos compreender e atuar sobre a base da equidade dentro de nossas escolas, dentro de nossos planejamentos, dentro de nossos currículos. A fim, de garantirmos os direitos educativos de alunos com necessidades educacionais específicas.

## **Conclusões**

Depois de tantos anos de implementação da inclusão nas escolas brasileiras, persiste aos professores do ensino regular a ideia de que não estão preparados para ensinar a todos os alunos. Consideram-se sem uma formação adequada para lidar com a diferença nas salas de aula, sobretudo quando se trata de ensinar os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre receberam encaminhamentos desses alunos para estudarem em suas classes e escolas especiais, sendo distinguidos na comunidade escolar pela capacidade de fazê-los aprender. Afinal, é fácil recebermos os alunos que aprendem apesar da escola, e, é mais fácil ainda encaminhar para classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e tendo ou não algum tipo de deficiência encaminhá-los para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Imaginemos o impacto da inclusão na maioria das escolas, sobretudo quando se entende que incluir é não deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças, indistintamente. É como se o espaço escolar fosse de repente invadido e todos os seus domínios fossem tomados de assalto. A escola sente-se ameaçada por tudo que ela mesma criou para se proteger da vida que existe para além de seus muros, aos novos saberes, novos alunos, outras maneiras de resolver problemas e de avaliar a aprendizagem. Nós, professores, temos de retomar o poder da escola, que deve ser exercido pelas mãos dos que fazem de fato a educação acontecer. Temos de combater a descrença e o pessimismo dos acomodados e mostrar que a inclusão é uma grande oportunidade para que alunos, pais educadores demonstrem as suas competências, os seus poderes e as suas responsabilidades educacionais, e o caminho a ser percorrido é este apresentado no trabalho, identificando as barreiras de aprendizagem postas diante do processo de ensino-aprendizagem, bem como adaptando e flexibilizando meios, para que elas possam serem eliminadas ou

reduzidas e isso só ocorrerá se conseguirmos transformar nossas políticas públicas de educação inclusiva em formações docentes qualificadas que preparem e gerem confiança ao docente no trabalho inclusivo.

## **Referências**

AINSCOW, M. **Comprendiendo el desarrollo de escuelas inclusivas**. 2000.

Disponível em: [http:](http://www.ripei.org/files/COMPRIENDIENDO%20DESRROLLO%20DE%ESC%20)

[www.ripei.org/files/COMPRIENDIENDO%20DESRROLLO%20DE%ESC%20](http://www.ripei.org/files/COMPRIENDIENDO%20DESRROLLO%20DE%ESC%20).

Acesso em: 30 de fev 2023.

AINSCOW, M. **Educação para todos: torná-la uma realidade**. In: AINSCOW, M.; PORTER, G.; WANG, M. (Eds). **Caminhos para as escolas inclusivas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.

BEYER, H. O. **Inclusão e Avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002

MANTOAN, M. T. **Inclusão escolar- O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2006.